

Desenho e aprendizagem

(*)

MÁRIO BISMARCK (**)

No Verão passado, no templo de Philae, em Assuão, no Egito onde, estando eu rabiscando num pequeno bloco de desenho, um polícia (que não falava inglês) veio ter comigo, e autoritariamente me gesticulou que não podia desenhar. Espantado, por gestos perguntei-lhe se podia fotografar a que ele acenou afirmativamente. Perguntei-lhe ainda se podia filmar e a resposta foi idêntica. Como confirmação perguntei-lhe se não podia desenhar e ele confirmou-me: não podia!

Grande homem este que tão bem conhece a distinção entre perceber o mundo através do desenho e “percebê-lo” através da fotografia!

Excelente professor de desenho!

Esqueci-me de lhe perguntar se podia pintar mas presumo que a resposta fosse sim

Porque não podia desenhar?

O que preocupava o guarda não era o (meu) desenho, mas sim o que eu poderia estar a fazer com o desenho; o que o preocupava era aquilo que o desenho possibilita, as possibilidades e competências do desenho!

Não era por estar a fazer uma simples representação (a fotografia faria melhor e mais depressa) nem por estar a utilizar uma “técnica artística”; mas por poder estar a fazer alguma coisa que, quer a foto, quer o vídeo, quer a pintura, não podiam fazer.

Por estar ali, naquele sítio, a “maquinar” alguma coisa!...

Não era por utilizar o desenho como um fim (a produção de uma imagem, uma “representação óptica”, perceptiva) mas como um meio (de perceber: para além da aparência do espaço, a sua estrutura, a sua ordenação, a sua implantação, a sua planta, de poder anotar as movimentações dos guardas, os seus equipamentos, de poder registar os pontos fracos, no fundo de poder estar a esquematizar um plano de ataque!).¹

¹ Já Francisco de Holanda, no livro *Da ciência do desenho* refere “...de que vem dizer também que os imperadores na guerra que têm desenho de ir assentar seu campo em tal província, ou em combater com seu exército tal cidade, ou de fazer tal fortaleza, muito antes que o façam, tendo feito já o desenho na deliberação secreta do entendimento” pág. 21

É para mim claro este ponto: se tivesse querido fazer uma pintura, de certeza que não teria problemas...mas um desenho!?! Isso é outra coisa! É um acto terrorista!

Bom, o que é que isto tem a ver com aprendizagem?

Tem a ver exactamente com isso: com o facto de o desenho poder ser outra coisa!

Outra coisa que não arte

Le Corbusier, *Escritos*: "*Desenhar é, primeiramente, ver com os olhos, observar, descobrir, desenhar é aprender a ver, a ver nascer, crescer, expandir-se, morrer (...)*Desenhar é, também inventar e criar. O Desenho permite transmitir integralmente o pensamento, sem o apoio de explicações escritas ou verbais. Ajuda o pensamento a tomar corpo, a desenvolver-se.(...)O desenho pode prescindir da arte. Pode não ter nada haver com ela. A arte, pelo contrário, não pode expressar-se sem o desenho."

Não é por acaso que foi um arquitecto (que também era pintor) que afirma isto.

Acho que nós, os (de)formados em artes, estamos viciados no modo como vemos o desenho.

Vemo-lo fundamentalmente como um objecto artístico, uma obra de arte; vemo-lo como vemos uma pintura ou uma escultura, esquecendo que o desenho é muito mais do que isso, ou que, o desenho em essência, não é isso.

Temos tendência a vê-lo como um fim e não como um meio.

Temos tendência a vê-lo como um objecto dentro do campo artístico e não como um fenómeno que lhe é transversal.

Temos tendência a esquecer todo um passado associado às razões do seu desenvolvimento e toda uma diversidade de actuações, tipologias e funções, que nada tem a ver com arte, que existem hoje e o que a desenho dá corpo.

E, para construir essa imagem redutora, do desenho muito contribuiu o séc. XX

O séc. XX fez alterar as competências tradicionais do Desenho como:

- Base fundamental da formação do artista nas academias;
- Instrumento formador, primordial e imprescindível;
- Meio para a construção das representações do mundo, das representações do homem e das representações do homem no mundo;
- Meio para a construção, andaime e "teste, experimentação" da obra final;

- Responsável da construção duma estrutura imagética da realidade, porque construída a partir do seu imaginário.

Alguns aspectos relevantes produziram essa alteração

Em primeiro lugar, o desenvolvimento da Fotografia e dos novos meios de reproductibilidade mecânica e electrónica retiraram ao desenho a sua função de representar o mundo, substituindo-a pela sua suposta e aparente “objectividade”, alterando radicalmente assim, a nossa “imagem da realidade”.

Em segundo, a revolução industrial e alteração dos sistemas de produção (o afastamento do artesanato) afastou o “desenhador” para fora do sistema produtivo, alterando a sua relação profissional

Também os novos canais de comunicação, colocaram o Desenho fora do que antes era o seu território, o de controlar a “legitimidade social da configuração”, o seu poder de formar e configurar o imaginário da cultura.

(veja-se o poder do cinema: criação de novos gostos, identificações, tipos e mitos e o que isto implica na criação de novos “modelos” de referência)

O desenvolvimento industrial, os novos meios de reproductibilidade e os sistemas de comunicação e consumo de massas, formam uma diferente textura de novas imagens que modificam:

- Os mitos colectivos
- A estrutura dos discursos
- Os seus processos de geração, os modos de as construir

Por ultimo, o refúgio das Artes no aconchego da palavra “liberdade” (no que isto implica de recusa da tradição) acaba por retirar ao Desenho a sua ultima justificação histórica.

Delacroix: *façam erros, se for preciso, mas executem livremente.*

A frase de Delacroix ecoa como o início do fim das academias.

Liberdade confundida com “expressão”, ancorada no interior do indivíduo, considerada como algo que “brota” de dentro para fora, que emerge duma espécie de paraíso interior, único, indizível e individual, depósito virgem, não contaminado, aculturado e inocente, sempre contra o mundo exterior.

Os dogmas do modernismo na consideração como hiper-valores, de “ideias” como: individualismo, expressão, estilo, o novo pelo novo, liberdade...

Do Desenho, depois de extraídas as suas históricas e tradicionais competências aparentemente só lhe resta o seu “invólucro”.

Um “ser” sem conteúdo. Uma “forma”

Pollock: Nada de esboços. Aceitação daquilo que faço!

Esta frase arruma de vez com o papel tradicional do desenho no seio das artes.

“Se não os podes vencer, junta-te a eles!” parece ter sido a estratégia adoptada. Perdida a sua autoridade como instrumento fundador da obra, o desenho converte-se em obra.

A proclamada autonomia artística do desenho (desenho como obra final), valorizada pelos modernistas, não é mais do que a constatação dessa perda de competências do desenho, da constatação da impossibilidade de estabelecer uma diferença, geradora e fundamental, entre o desenho e as outras artes.

Colocar o desenho no território das Artes, colocá-lo no mesmo pé de igualdade com as “grandes artes”, não é nem valorizá-lo, nem diminuí-lo, é desviá-lo! É colocá-lo como coisa igual, na obrigação de ser arte, de se expor como objecto artístico.

O Desenho, de pai das artes (Vasari) passou a irmão, só que um bocadinho mais pobre, ganhando em visibilidade o que perdeu em “seriedade”.

Mas, a questão continua a colocar-se:

Quantos desenhos são necessários fazer antes, para fazer um “desenho”? (mesmo em Pollock)

Quantos desenhos são necessários fazer para produzir uma imagem? (pintura, escultura, instalação, performance, etc.)

Quantos desenhos são necessários fazer para: fazer, rever, errar, recusar, destruir, reconstruir, alterar, apagar, refazer, rasgar, exercitar, negar, corrigir, diversificar, divergir, seleccionar, clarificar, formar, conformar, deformar, reformar, prosseguir, implicar, exigir?...

O desenho exige.

Desenhar assim, neste sentido, não é produzir (imagens), mas sim questionar a (sua) produção,

É “forçar a sua lógica até ao absurdo”, como diria Bruce Nauman.

É testar a sua existência,

É questionar a sua validade como afirmação.

Ao valor afirmativo das Artes, propomos a interrogação do desenhar.

Ao valor declarativo das Artes, propomos a hesitação do desenhar.

Ao valor conclusivo das Artes, propomos o inconclusivo do desenhar.

Na consideração sempre do “papel de rascunho”, para sobre ele, colocarmos outro, e outro, e outro...

Desenhamos para os recusar, desenhamos para o caixote do lixo (ou para uma qualquer instituição de caridade que os recolha).

É assim que a frase de Paul Klee “*não pensar a forma, mas a formação*”, adquire todo o sentido.

De que podemos ainda, e pensando no sentido pedagógico do desenho, alterá-la para “Não pensar a forma, mas o porquê da formação”

Recentemente li num livro² a seguinte frase, que, subscrevo inteiramente:

“Todas as imagens e conceitos que temos do mundo objectivo e subjectivo requerem confirmação directa e pessoal. Só depois, só depois então, há o desenho – nessa altura em que o desenhar já não precisa dele”.

É nesta subtil e radical diferença entre desenho e desenhar que se coloca o problema:

E é aqui que a diferença se pode instalar.

E, para acabar, um fragmento de um texto de alguém que realmente sabe escrever:

Thomas Bernhard, *Correcção*

(...) realmente estou assustado por tudo o que escrevi agora, porque tudo foi muito distinto, penso, mas corrigirei o que escrevi, não agora, corrigi-lo-ei quando chegar o momento de essa correcção, então corrigi-lo-ei e então corrigirei o corrigido e o corrigido o corrigirei então outra vez e assim sucessivamente (...). Continuamente nos corrigimos e nos corrigimos a nós próprios com a maior desconsideração, porque a cada instante nos damos conta de que tudo (o escrito, pensado, feito) o temos feito mal, de que, até este momento, tudo é uma falsificação e, por isso, corrigimos essa falsificação e a correcção dessa

² *Desenho*, Lisboa, Fundação Carmona e Costa, Assírio & Alvim, 2003

falsificação a corrigimos outra vez, e corrigimos o resultado da correção de essa correção e assim sucessivamente (...)

O desenho nem como expressão, nem como impressão, mas com...muita pressão!

(*) Tema da comunicação no V Encontro Nacional da APROGED . FBAUP . Porto . 14 de Abril, 2005

(**) Professor Associado de Desenho da faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto